



## Os 84 anos de Mauro de Alencar Fecury foram festejados com um big almoço em sua residência



O aniversariante Mauro Fecury com o ex-presidente José Sarney e seu filho Fernando

• PAG 4 e 5

## Neste domingo, José Cirilo Filho comemora, reunido com os amigos, seus bem-vividos 76 anos

• PAG 3

Divulgação/Herbet Alves



### INGRID

Rocha Gomes Vieira é maranhense mas reside há mais de uma década, com os filhos, em Miami (Flórida), onde se destaca pelo charme e a beleza que conserva desde os tempos do seu reinado como modelo e miss Maranhão

Parava em todas as casas do centro da cidade, o cheiro de pão fresquinho impregnando o ar, anunciando a chegada da padaria “móvel”.

Há cheiros que valem uma vida. E há perfumes que resumem uma paixão. Nas cavernas, o homem perseguia o cheiro do alimento – e saía à caça. No século 21, o cheiro mais perseguido é o da casa – o da segurança – a “rua” anda cada vez mais perigosa.

A primeira coisa que emerge de minha infância é o cheiro de terra molhada. Parece lugar comum – e é. Mas é, também, a nostalgia telúrica que persegue todo vivente.

O pão “daqueles tempos”. Sim, o século 20, outrora moderno, já é “o passado” há mais de vinte anos – e já pode ser chamado assim, “aquele tempo”. O pão chegava de carrocinha, o padeiro na boleia, o orelhudo puxador justificando o ditado “cavalo de padeiro”.

Parava em todas as casas, o cheiro de pão fresquinho impregnando o ar, anunciando a chegada da padaria “móvel”. Pão de trigo, de duas metades (seria indelicado chamá-lo “bundinha”, como agora). Pão francês. Pão doce coroado de farofa. Pão de tranças. Singular carrocinha. Empinada, o traseiro

## NOSTALGIA:

### cheiro de pão ou uma lembrança telúrica que persegue todo vivente

dividido em dois compartimentos ligados por dobradiças. O padeiro anunciava a sua presença batendo a tampa do “guarda-pães” contra a própria carroça. A vizinhança afluía, muitos em “roupas de estar em casa”, e comprava pães variados, sem falar nas roscas de polvilho.

O próprio padeiro fazia o troco e seguia rumo ao próximo freguês, levando o pão fresquinho na carroça e alguns micróbios na mão.

Na Praia Grande, início do século 20, reuniam-se os “pombeiros”. Os criadores do interior da Ilha e do Continente vinham oferecer na praça as galinhas caipiras, as galinhas de angola, os perus, as poedeiras, as perdizes e – de quebra – os porcos, vivos, e mais alguns de seus subprodutos “manufatura-

dos” – as linguças, os fiambres, as morcilhas.

Não fui testemunha dos “pombeiros”, mas dos “verdureiros”. Pau de canga atravessado nos ombros, dois grandes balaio nas extremidades, eles povoaram minha infância de pura magia. Ali dentro dos cestos, as frutas, os legumes e as hortaliças. A freguesa apertava os sapotis, a “laranja açúcar”. E descobria os caquis, os abacaxis:

– Quanto é o caqui? E o ananás?

Fascinava-me, no Mercado dos anos 1950, o bazar onde se ofereciam pássaros ornamentais e aves para consumo – espécie de “Praça dos Pombeiros” herdada do Mercado velho.

Naquele pioneiro casarão amarelo, pulsava um comércio de gêneros e bichos, lá pelos idos de 1851. Dele se conhece apenas ve-

lhas fotos, em tom sépia. Cabras, galinhas, porcos, pacas. Depois da missa, os feirantes expunham aos fiéis as mercadorias do Rio São João, de Ribamar, do Paço do Lumiar, etc.

Ali, naquela feira medieval, as freguesas chegavam atreladas aos maridos, seguidos em cortejo pelos agregados, os carregadores da casa, escravos semi-alforriados. O senhor e a madame faziam o “rancho”, cuidando a senhora de não sujar a barra da saia na crosta de lama que atapetava o pátio.

Uma tarde de chuva e de vento, o velho vento, sempre traz boas lembranças. Ainda é possível capturar-se “no ar” as emanções dos velhos pombeiros do Desterro, o trescalar dos barcos com mastros coloridos que encostavam no cais e traziam a primeira safra dos peixes-pedra, pescadinha, pescada, cavala, tainhas.

Dali, em “carroças” forradas de areia, elas chegariam aos bairros e às donas de casa, mediante o pregão do “peixeiro”.

Vejo minha avó espremendo a barriga dos peixes, examinando as ovas, regateando o preço.

Sinto o cheiro das ovas fritas e a boca “embuchada” pela ingestão de duas grandes rodela.

Sinto o cheiro. Sinto a vida.



Socorro Fialho e sua filha Soraia



Socorro Fialho entre Sofia, a nora Melissa Fialho, Cláudia, Elaines e Eugênia



A aniversariante entre Fernanda Lisboa e Lou Marques



Socorro Fialho com Pollyana e Petrucia Costa

# BELA FESTA PARA SOCORRO FIALHO

Socorro Fialho mudou de idade no último domingo, dia 12, e foi surpreendida por sua filha Soraia, que chamou um grupo de parentes e amigas para um jantar no belo apartamento da aniversariante, decorado com

extremo bom gosto pela designer Cintia Klamt Motta. E com uma atmosfera da maior simpatia e alegria a noite, só para mulheres, teve como ponto alto um big jantar elogiado por todas que dele participaram.



Cintia Klamt Motta com as anfitriãs



Clara Moreira, Vera, Socorro e Raquel



Socorro entre Suzana Matos e Nazaré



Graça Murad Sampaio e a aniversariante



Guga Fernandes e Socorro Fialho



Socorro Fialho com Valéria Almada Lima, Gabrielle Sobral, Soraia Fialho, Ana Cristina Maranhão, Lou Marques, Jesus Nunes e a aniversariante



Soraia Fialho entre suas tias Graça Fialho e Socorro Fialho



Socorro Fialho com a nora Aline Fialho e os netos Théo e Maya

Fotos/Divulgação



Virgínia Oliveira entre Márcia Vale, Celeste Elizabeth Araújo (92 anos), Hilzi Cristina Oliveira e o filho Nilson Eduardo Oliveira

## NOVA IDADE DE VIRGÍNIA OLIVEIRA

Com uma alegre e descontraída reunião em família, a Sra. Virgínia Oliveira comemorou seus bem-vividos 85 anos. Os convidados foram brindados com um jantar de quitutes maranhenses em seu apartamento no Renascença II.



Hilzi Cristina Oliveira e Luciano Gomes



Nilson Eduardo Oliveira e seu primo Luciano Gomes



Márcia Vale e Celeste Elizabeth Araújo

## A companhia da solidão

Sei que é feio o hábito de espiar a vida alheia, mas não fiz por querer. A noite estava tão quente que sufocava qualquer ensaio de brisa. O mundo parou, pensei. Nada se move, nada pulsa e talvez eu seja a insone miragem de mim mesmo. Mas aí olhei para a rua e lá estavam, no retângulo iluminado de uma janela, as duas irmãs. E como conversavam e eu podia perceber seus gestos e quase ouvir o ruído de um ventilador, concluí que o universo ainda respirava.

Disse que eram duas irmãs porque mesmo a distância se lia isso em seus traços. A irmã mais velha, de pé, cortava o cabelo da irmã mais moça, sentada diante de um espelho. Notei logo que uma era a irmã mais velha porque havia algo de levemente cansado em seu olhar e talvez no modo com que segurava a tesoura e o pente e ia vendo as madeixas caírem no chão. E também porque quem usa essa palavra madeixa, mesmo nos devaneios tolos de quem a observa de longe, só pode ser a irmã mais velha.

A irmã mais moça iria a um baile. Tem bailes em São Luís em janeiro? Ainda tem bailes em São Luís? Contemplei a irmã mais moça e decidi que sim. Era evidente que ela se entregava aos cuidados da outra porque certas tarefas cabem às irmãs mais velhas. As irmãs mais moças têm por dever ir a bailes, ir a um café, ir a um show, ir a um encontro, de preferência bem produzidas pelas irmãs mais velhas.

## A companhia da solidão...2

Houve um momento em que a irmã mais moça, com um gracioso meneio de cabeça, um sorriso alicianante nos lábios, voltou-se para a irmã mais velha. Ela está perguntando por que as duas não vão juntas. Ela está dizendo que tudo vai ser muito agradável e divertido e que conhece um cara sensacional que com certeza estará lá.

Mas a irmã mais velha fez não com a cabeça. A irmã mais velha falou para a mais moça que tornasse a ficar de frente para o espelho. E então se concentrou com infinita aplicação nos cabelos da irmã mais moça, como se estivesse tratando dos seus em um tempo ido, como se fosse ela que estivesse sentada diante do espelho. E lhe pareceu que eram os seus próprios cabelos que cortava, assim como quem vai cortando um a um seus sonhos, seus 20 anos, certos segredos prazeres sem reprise.

Quando terminou, a irmã mais moça saiu por uma porta ao fundo e a irmã mais velha ficou se olhando no espelho por um minuto e aí pegou um número atrasado de Caras. Folheou distraída a revista, depois ligou um filme que estava para lá da metade e pensou se ela não estaria também para lá da metade.

## A companhia da solidão...3

A irmã mais moça reapareceu elegantíssima num vestido negro e falou algo à irmã mais velha, quem sabe voltando a sugerir que fosse junto, mas a irmã mais velha fez não com a cabeça. Uma buzina soou na rua, ela ainda insistiu com a irmã mais velha, mas a irmã mais velha sorriu, pegou de novo a revista. E quando o carro arrancou pôs de lado a revista e ficou olhando o filme, sem ver.

Sou apenas um cronista trivial, que faz suas divagações nos fins de semana, mas não pude deixar de pensar que é assim que a Terra gira. Um pessoas são convidadas para a festa da vida, e vão. E outras pessoas também são convidadas, mas não aceitam, pois precisam fazer companhia à solidão.

## Fábrica do tempo dos chapéus

O chapéu foi um acessório quase obrigatório até a metade do século 20. Homens, mulheres, meninos e meninas saíam nas ruas com a cabeça coberta. As velhas fotos em preto e branco revelam que foi um hábito em todas as classes sociais. Nos anos 1960 e 1970, devido à mudança na forma de se vestir, saíram de moda.

Fundada em 1901, em Porto Alegre - RS, a F. C. Kessler & Cia. foi uma das grandes fábricas de chapéus. Quando completou a primeira década, chegou a somar 250 funcionários, sendo 90 mulheres.

A fábrica produzia, por mês, quase 20 mil chapéus de lã, palha e peles de lebres, castores e outros animais. Os produtos impermeáveis eram a especialidade. Os vendedores da firma estavam espalhados por vários Estados brasileiros – inclusive o Maranhão.

Em 1934, a Justiça decretou a falência da F. C. Kessler. A grande fábrica fechou as portas antes do chapéu sair de moda.

## Sambalanço

No início foi o samba, depois veio a bossa nova.

Essa verdade “bíblica” não é toda a verdade. Nos mesmos anos 1950 e 1960, outro movimento marcou presença na MPB, o sambalanço.

Deparei-me com um álbum duplo no fundo do baú reunindo alguns dos artistas que fizeram parte desse grupo.

Tem Miltoninho, mestre do canto sincopado, Elza Soares seus trejeitos vocais, Orlandivo, com seu tuplec-tuplin, além do instrumental de boate do Bossa Três e Wlatter Wanderley, e o insuspeito bossanovista Luiz Bonfá.

As surpresas ficam por conta da turma da jovem guarda, como o Trio Esperança e os Golden Boys.

## O certo é ir à Justiça

Não são poucos os advogados que estão fazendo esta recomendação a quem tiver bens danificados em decorrência de omissões ou outras falhas do Poder Público em relação aos efeitos das chuvas: buscar reparação na Justiça.

E casos assim não faltam – prejuízos com carros irremediavelmente estragados em inundações, móveis perdidos, muros derrubados por água acumulada e eletrodomésticos arruinados devem ser indenizados, desde que se comprove, por exemplo, que a causa foi drenagem inexistente, galerias pluviais entupidas, árvores ou galhos em via pública que despencam ou buracos escondidos em ruas alagadas.

O cidadão deve registrar tudo com documentos, fotos ou filmagens, recortes da Imprensa e testemunhos e se dirigir aos órgãos competentes.

Para começar, podem ser os serviços de defesa do consumidor, como os Procons, por exemplo. Ou os juizados de pequenas causas. Não tendo solução, o caminho é o Judiciário.

Pode até demorar, mas a garantia da dignidade e a manutenção do respeito e do direito já compensa.

## Um bom disco

Quando me perguntam sobre um disco que gosto de ouvir, não perco tempo: é o que registra o encontro de Chico Buarque e Maria Bethânia.

Trata-se de um show que pode não ter recursos tecnológicos como os discos ao vivo lançados hoje em dia, mas que se sustenta num repertório de altíssimo nível.

Bethânia é, sem dúvida, a maior intérprete de Chico e ouvir os dois juntos em músicas como Sem Açúcar e Com Açúcar, Com Afeto, é um deleite para os ouvidos.



**O** jornalista José Cirilo Teixeira Filho – ou simplesmente Zé Cirilo – comemora neste domingo seus bem-vividos 76 anos, anunciando a volta da Feijoada do Zumbido para o Iate Clube de São Luís, no dia 15 de fevereiro

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Mauro Fecury com a filha Ana Elizabeth e o genro Fábio Braga recebem o ex-presidente José Sarney



Mauro Fecury e Ana Lúcia com os filhos Ana Elizabeth (e Fábio Braga), Marco Antonio (e Daniela) e Luciana (e Sergio Tavares)

# MAURO COMEMORA 84 ANOS

**E**mpresário e político dos mais bem sucedidos do Maranhão, Mauro Fecury comemorou na segunda-feira, dia 13, seus bem-vividos 84 anos. E quando ele muda de idade são seus amigos que ficam em festa. E foi o que aconteceu

na residência do aniversariante, na Península da Ponta d'Areia, onde os familiares e alguns amigos foram recepcionados com um almoço que teve quitutes deliciosos e música ao vivo, a cargo do saxofonista carioca Felipe Schmitt.



Dona Marly e o ex-presidente José Sarney



Crisálida e José Reinaldo Tavares



Mauro Fecury e Ana Lúcia



Luciana e Sérgio Tavares



Dirce Fecury Zenni abraça o irmão aniversariante



Luiz Raimundo Azevedo e Genoveva com o aniversariante



Fernando Sarney e Mauro Fecury



Mauro Fecury com Daniela e Marco Antonio Fecury



Nazaré e Alberto Tavares da Silva com o ex-presidente José Sarney



José Sarney com as amigas Claudia Vaz e Elizabeth Fecury



O saxofonista carioca Felipe Schmitt alegre a tarde

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Mauro Fecury e Ana Lúcia com os filhos e netos



Miguel Fecury com o irmão-aniversariante



Dona Marly e o ex-presidente Sarney com Daniela Fecury e a filha



Dona Marly e o ex-presidente Sarney com Leonardo Fecury Braga e Sayure



Claudia Vaz dos Santos



José Reinaldo Tavares, Mauro Fecury e José Sarney



Ana Lúcia Fecury com os netos

Divulgação



Os sócios Camila Martins, Danielle Vasconcelos e Fernando Spotti

## “JÁ REPAROU QUE PROPAGANDA POLÍTICA É SEMPRE IGUAL?”

com essa provocação que surge no mercado a Outbox, uma agência de comunicação estratégica voltada para a política. Fundada por 3 sócios renomados no mercado publicitário local - Camila Martins, Fernando Spotti e Danielle Vasconcelos, a Outbox

vem para movimentar e profissionalizar o mercado. “A gente vem para trazer estratégia e um olhar criativo para a maneira de se comunicar, construindo um capital político forte e uma autoridade junto ao público”, diz Camila Martins. Com a experiência e a

sintonia dos 3 sócios, que já trabalharam juntos na Phocus, Camila Martins, Danielle Vasconcelos e Fernando Spotti pegaram inúmeras campanhas políticas fazendo parte da mesma equipe, essa parceria tem tudo para dar certo. Quem ganha é o mercado!

## Convites do PH Revista

No domingo, dia 9 de fevereiro, a partir das 10h – e durante o restante do dia, uma grande equipe comandada por este Repórter PH e Teresa Martins, estará a postos em local que será informado brevemente, para fazer a entrega das camisetas-convites para o almoço de confraternização, em clima pré-carnavalesco, do PH Revista, que será realizado no Palazzo Eventos, dia 22 de fevereiro, a partir das 14h.

Os convidados devem confirmar presença o mais breve possível para que possamos fazer as reservas das camisetas. Este ano, quem não confirmar com antecedência corre o risco de ficar fora da

folia, pois não teremos tempo para confeccionar nova camisetas.

As camisetas, de uso obrigatório pelos convidados para terem acesso à festa, são pessoais e intransferíveis. Ou seja, não adianta passar a camiseta para terceiros, pois quem não tiver o nome confirmado na lista de convidados, terá o acesso negado.

Esse encontro, que reúne o creme do creme da sociedade maranhense e acontece sempre no sábado magro de Carnaval, é exclusivamente para convidados, cuja lista vem sendo mantida sem grandes alterações, pois são raríssimos os acréscimos e as exclusões, há mais de 30 anos.

## Produção do Almoço

Para confraternização deste ano, que marca os 46 anos de circulação do suplemento PH Revista e os 37 anos do Almoço do PH, a designer Cintia Klamt Motta escolheu para tema da decoração, uma releitura de “As Mil e Uma Noites”.

Cintia projetou uma ambientação inspirada nas belezas do mundo árabe para compor o cenário dessa grande prévia do nosso Carnaval, considerada o momento de maior charme e glamour da temporada nesta Capital.

### O consumo escolar

Início do ano letivo, entre nós, já não é mais a mesma festa aguardada pelas famílias, que se sentiriam orgulhosas e felizes por seus filhos compartilharem da alegria do conhecimento nas escolas públicas e privadas.

Em ambos os casos, o fator econômico repercute no bolso dessa alegria.

Se, para o estudante da rede pública, a carência é uma marca registrada de um precário ensino, para o aluno da escola particular o ônus financeiro de uma possível qualidade do ensino é aumentada pelos encargos do inevitável consumismo escolar.

### O consumo escolar...2

Matrículas, mensalidades, taxas extras para eventos especiais, preço do material escolar com as rotineiras listas quilométricas, transportes, alimentação, vestuário, aulas complementares, enfim, um investimento com forte repercussão no orçamento da classe média.

É a classe média ainda se queixa, no contexto educação versus economia, da precária relação custo-benefício daquele investimento, por não corresponder aos resultados esperados pelos pais.

O consumo escolar, hoje, é um fato irreversível.

As famílias têm de bancar financeiramente os objetos culturais que presumivelmente serão utilizados pelos estudantes durante o ano letivo.

### O consumo escolar...3

Figuram nas listas iniciais da escola livros obrigatórios das diferentes disciplinas, livros de leituras complementares, dicionários de português e de outras línguas, revistas, jornais, cadernos, lápis, canetas, mapas, CDs, DVDs, até os mais inusitados – como um tipo de material didático ou não que deveria ser de responsabilidade do colégio como giz, pincel, papel higiênico, cartolina e material de computadores, dentre outros.

Acrescente-se, agora, o fato de a mudança ortográfica determinar também a mudança nos livros escolares e nos textos de leitura em geral, o que implica um gasto extra no bolso do estudante-consumidor, além do que vai ser inventado para a alegria da crescente indústria do material escolar no País.

Para isso, os professores serão convocados para se integrar aos novos rumos da polêmica reforma dos acentos e dos hifens.

### Ilusão

Iludem-se os brasileiros que vivem na América se acham que a vida deles irá melhorar no governo Donald Trump.

As estimativas são de que pelo menos 150 mil brasileiros, a maior parte vivendo ilegalmente, façam parte dos milhões de imigrantes que voltarão aos seus países de origem por causa da crise que se abateu sobre os Estados Unidos e tem provocado desemprego em massa.

### Os sem-conta

Numa era em que basta uma ligação telefônica para você pagar uma conta bancária, é quase impossível imaginar uma pessoa que não seja correntista de uma agência. Principalmente com o aumento da renda, em especial no Nordeste, com o Bolsa Família.

A região apresenta o maior número de sem-conta em todo o país. Mais da metade da população está à margem do sistema bancário. As mulheres lideram as excluídas do sistema.

Em contrapartida, o maior percentual de pessoas com intenção de abrir uma conta está no Nordeste.

Um dado curioso no levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) é a função do banco, sob as óticas regionais.

Quanto menor a renda – leia-se Nordeste e Norte –, maior a imagem da instituição como fonte de crédito.

Não é à toa que o crescimento do crédito continua sendo puxado pelo Nordeste.

# PROVOCAÇÃO ESTRATÉGICA PARA FAVORECER PRODUÇÃO FRANCESA

Divulgação

A crítica publicada pelo tradicional jornal francês 'Le Monde' ao filme 'Ainda Estou Aqui', de Walter Salles, desencadeou uma onda de indignação entre os internautas brasileiros. A publicação classificou o longa com a nota 1, a mais baixa possível, e fez duras observações sobre a obra e a performance de Fernanda Torres, premiada recentemente com um Globo de Ouro.

O crítico Jacques Mandelbaum apontou que o filme "passa um traço leve demais pela compreensão do mecanismo totalitário", insinuando que a obra "suaviza" a ditadura brasileira. Além disso, a atuação de Fernanda Torres, elogiada internacionalmente e exaltada pela imprensa dos Estados Unidos, foi descrita como "um tanto monocórdica", ou seja, sem variação de tom e incapaz de emocionar.

A análise não caiu bem entre os fãs brasileiros, que tomaram as redes sociais do 'Le Monde' para expressar sua indignação. "Não aceitamos que desrespeitem nossa história e nossos artistas", escreveu um internauta.

A polêmica se intensifica quando observamos o contexto: 'Ainda Estou Aqui' concorre diretamente com "Emília Perez", um filme francês gravado na França, mas ambientado no México, que também tem sido alvo de severas críticas por acusações de transfobia e xenofobia.

Alguns interpretaram a avaliação do jornal como uma provocação estratégica para favorecer a produção nacional. Nesta semana, o filme de Walter Salles também entrou em cartaz nas salas de cinema de Portugal, onde está sendo recebido com os mais efusivos aplausos, tanto pela crítica quanto pelo público português.



## A NOSTALGIA DISCRETA DA ALTA BURGUESIA

Passagem de testemunho em Ainda Estou Aqui. De Fernanda Montenegro para Fernanda Torres, mãe e filha. A mãe aparece nas cenas finais, presença muda, o que é próprio das figuras tutelares, a interpretar a personagem de Eunice Paiva (1929-2018) que a filha transportou antes ao longo de todo o filme quando jovem mulher e já viúva de Rubens Paiva, desaparecido, torturado e assassinado em 1971 às mãos da ditadura brasileira instaurada em 1964.

O corpo do ex-deputado federal do Partido Trabalhista nunca foi encontrado e Eunice, esposa dedicada e exímia a manter a paz no lar e a não deixar baixar o soufflé, fora sempre mantida na ignorância dos discretíssimos trabalhos do marido em prol da resistência, mas quando o momento chegou não descansou, antes de ser tocada pela doença de Alzheimer, enquanto não obteve do Estado brasileiro o reconhecimento da morte, o certificado de óbito, do marido. O filme é essa parte da sua história, tal como contada em livro por um dos filhos de Eunice e Rubens, Marcelo Rubens Paiva, publicado em 2015.

Fernanda Torres é dirigida por Walter Salles, com quem fizera Terra Estrangeira em 1995, filme tomado por um desejo de fuga do Brasil neoliberal, assim deixado pelo governo de Collor de Mello, e ainda com contas por acertar com o período da ditadura. As personagens tornam-se então globetrotters, São Paulo, Lisboa, Cabo Verde – algo que a certa altura do seu caminho foi a condição wendersiana por excelência –, figuras exiladas. Desaparecem para se esquecerem do mundo, onde não conseguem agir e fazer as suas revoluções, e sobretudo para se perderem de si próprias, como o David Locke de Profissão: Repórter, de Michelangelo Antonioni (1975). É uma recusa de participação no mundo, um ensimesmamento, o centramento na sua malaise íntima, uma impotência também, a paralisante nostalgia.

Vê-se pela amostra que a cinefilia de Walter Salles, de seu nome completo Walter Moreira Salles Jr., vindo das economias e da comunicação audiovisual, que aparece junto a Spielberg e George Lucas nas listas dos cineastas mais ricos do mundo e que com o irmão, João Moreira Salles, produtor, documentarista, é um dos homens mais ricos do mundo tout court, ponto final, vê-se que a cinefilia de Salles, dizíamos, é correta, bem educada, sem afetação, respeitosa, de boa estirpe e com pergaminhos. Política e artisticamente correta e sem afetações, Salles não consegue ser de outra maneira. É dele também, por exemplo, um documentário sobre o chinês Jia Zhang-ke, Um Homem de Fenyang (2014). Ainda Estou Aqui é então o seu primeiro longa-metragem com uma história brasileira desde o distante Linha de Passe (2008).

Fernanda Montenegro é dirigida pelo mesmo cineasta que em 1998 a dirigira em Central do Brasil, filme de importantes consequências internas, pois o seu sucesso galvanizou a indústria cinematográfica nacional que partiu em busca do seu país, e objeto de notoriedade externa, já que valeu uma indicação ao Oscar da atriz, um

feito inédito há 25 anos porque se tratou da primeira, e mantém-se como a única, vez em que uma atriz de língua portuguesa ganhou o prêmio. E foi uma derrota sem história: Gwyneth Paltrow, a de Shakespeare in Love, de quem já ninguém se lembra, ficou com a estatuetta.

Fernanda Torres pode igualar a mãe nesse feito, temos é de esperar para ver pelas indicações da Academia que deverão ser anunciadas no dia 23, ela que já tem em casa um Globo de Ouro que, pelas mesmas razões, não tem precedentes, mesmo tendo sido excluída das indicações do Screen Actors Guild, o sindicato norte-americano que representa os atores de cinema e televisão. É uma perspectiva, o Oscar, que tem já muitos apoiantes, o favoritismo dela cresce.

A sua interpretação é enxuta, briosa. O filme recria os espaços e gere as emoções também sem deslizes ou excessos, composto como a elegância despojada e modesta de Eunice Paiva/Fernanda Torres. Pelo cast passa a energia de um coletivo. Acredita-se nisso? Sim. Mas da mesma forma que se fica intensificado por um ideal, sem pedir meças ao realismo ou sem nele muito vasculhar e até sem mesmo o enfrentar. Sim, da mesma forma que um home movie contará sempre a versão edulcorada da realidade. E Ainda Estou Aqui é, sentimentalmente mas não só, um home movie, porque usa, e até abusa, de das cores que o sinalizam e que traçam o caminho mais direto e curto para a emoção nostálgica – “olha imagens da família!”. Walter Salles conheceu a casa dos Paiva na infância através da sua amizade com Marcelo.

Aos mais empedernidos, que serão certamente poucos mas logo acusados de cinismo porque o filme está destinado ao consenso (e mais de três milhões de brasileiros já fizeram a sua catarse em frente ao telão, importante para o trabalho de memória de um período negro da história e para a fatia de mercado conquistada pelo cinema brasileiro em 2024), Ainda Estou Aqui poderá oferecer então o seguinte obstáculo: o fato de passar da utopia familiar, da sua versão beatífica com praia, sol e o Tropicalismo de Gal, Caetano e Gil – e “isto” é tudo o que sabemos da família Rubens Paiva, de quem não se conhecem desmortes, fricções, rivalidades ou sequer esqueletos no armário, tudo ali é solar e tudo em Eunice Paiva é Mãe e Esposa Coragem – diretamente para o pesadelo. Ser essa a única dimensão dada por Salles, aquela que está próxima da fantasia e do fantasma, que é criação da luz irreal e da escuridão tumular, levará ela de um ato falhado ou é uma compensação resultante de uma culpa social do privilegiado e do estrangeirado?

Lembramo-nos de outros exemplos do cinema brasileiro em que a condição privilegiada do/da realizador (a) desencadeou uma militância introvertida, que se emociona com as suas contradições de classe – Petra Costa e o seu Democracia em Vertigem, de 2019, sobre o impeachment de Dilma Rousseff, indicado para o Oscar do documentário ou que se paralisou na sua melancolia e disfarçou pudicamente, como se fosse um ensaio, o “filme

de família” trágico, triste e, lá está, nostálgico: No Intenso Agora, do outro irmão Salles, João Moreira, feito com as imagens das viagens da mãe, que se suicidou em 1988, à China da Revolução Cultural e à Praga da sua Primavera nos anos 1960.

Eis os Salles, com os Torres-Montenegro, uma dinastia do cinema brasileiro. Foi o mesmo João Moreira que em Santiago (1992-2007), entrevistando o mordomo da família Salles, se serviu do gesto de o dirigir para expiar a sua culpa de patrão que deu ordens ao empregado durante toda a vida deste. Isto é, como “filmes” que não se deu conta que fez e que dirigiu, mas que efetivamente comandou, ao longo da sua leve e leda existência de privilegiado alheado da luta de classes. Naturalmente com os seus home movies.

Ainda Estou Aqui é uma memória da ditadura militar brasileira, evocada a partir dos aspectos mais brutais da sua lógica repressiva: a perseguição a opositores ou pseudo-opositores do regime, as detenções sumárias, as execuções e as mortes “acidentais” sob tortura, a torpeza maior que era a camuflagem dessas mortes num manto de silêncio e falta de informação.

Como noutras ditaduras sul-americanas contemporâneas, os “desaparecidos” foram-se acumulando, e o filme de Walter Salles centra-se num “desaparecimento” específico, um dos mais famosos do caso brasileiro, o do deputado Rubens Paiva, levado de sua casa para “interrogatório” sem que a família tenha voltado a saber alguma coisa do seu estado ou do seu paradeiro.

A fonte do argumento é, ela própria, familiar: Ainda Estou Aqui baseia-se no livro escrito pelo filho do deputado, Marcelo Rubens Paiva, que narra as circunstâncias do desaparecimento, mas sobretudo os efeitos do desaparecimento dentro da família, e o estoicismo da mãe Eunice (Fernanda Torres, vencedora do Globo de Ouro por uma interpretação que é de fato notável) e da sua luta de décadas por um módico de justiça para o seu caso pessoal e, genericamente, para os crimes da ditadura.

Percebe-se bem a origem próxima de um filme como este, uma vez que ele começou certamente a ser pensado num período em que o Brasil tinha um Presidente que se desafiava em elogios a famigerados torcionários da ditadura, e uma porção da população brasileira exibia alegremente a sua nostalgia por esses tempos. Não é preciso explicar a pertinência política do filme, mas é preciso louvar a sagacidade de Salles na maneira como aborda: podia ser só um panfleto, mais ou menos pedagógico, é antes uma espécie de demonstração pelo exemplo, por um exemplo entre outros possíveis. Demonstração dramaturgicamente, convém precisar, num filme que tem por vezes uma respiração de thriller assombrado, de pesadelo na vizinhança do filme de terror, num registro seco, tenso, perfeitamente dominado.

A grande questão, claro, é o carácter invasivo da repressão totalitária. É por isso que o verdadeiro assunto

do filme, dentro desse quadro temático, é a devassa da intimidade familiar, é por isso que, acima das figuras humanas, há uma outra entidade protagonista, que é a casa da família Paiva (a maneira como o genérico de fecho se faz acompanhar de um regresso às divisões da casa entretanto esvaziada parece sublinhar isso – que Ainda Estou Aqui é um filme sobre o destino de uma casa, sobre a dissolução de um reduto familiar íntimo).

Os detalhes da reconstrução da casa e do seu ambiente, nas sequências introdutórias, são dados com um sentido do pormenor absolutamente justo e eficaz, da desordem dos livros nas estantes à vaga desarrumação inevitável numa casa onde moram dois adultos com cinco filhos (mais uma criada) – com mais alguns detalhes (os discos que se põem a tocar, por exemplo) passa perfeitamente o ambiente de uma época tal como vivida (em “privilegio”, se lhe quisermos chamar assim) no seio de uma família da classe média alta no Rio de Janeiro à entrada dos anos 1970. Mas não é uma casa-museu desse estrato social, é sobretudo, e pouco importa quão idealizada, uma casa viva, como admiravelmente sugerem as cenas de conjunto, os preparativos do Natal, as reuniões e as refeições com os amigos. Faz-se esse retrato para depois se poder passar ao que realmente interessa, filmar a maneira como a casa que estava viva vai morrer pouco a pouco.

É uma invasão, propriamente dita. Sentimos uma repulsa semelhante à de assistir a uma violação na longa sequência da “visita” dos capangas da polícia militar, que levam o marido e depois a mulher, mas sobretudo ali ficam, forças ocupantes, invasivas, profanadoras, durante o que parece uma eternidade (e um timing de filme de terror, de certa forma). Sem espetáculo maniqueísta: eles nem dizem quase nada e também, além de mexerem nas coisas, não fazem quase nada, limitam-se a ficar ali, e o peso dessa devassa é esmagador. A casa fica maculada, e essa macula não se repara.

A casa confunde-se com a memória, de algum modo é o seu símbolo. Nas sequências finais, que avançam no tempo (para os anos 1990), todas as personagens estão obcecadas com registos (a certidão de óbito de Rubens, os livros de Marcelo). O tempo macula a memória, as vidas mudam, as crianças tornam-se adultas, têm as suas vidas e as suas histórias, da memória restam os sinais, as provas materiais, as fotos, as certidões.

Os últimos anos de Eunice (que no epílogo é interpretada pela mãe de Fernanda Torres, Fernanda Montenegro) foram passados num combate contra outro tipo de ameaça radical à memória, o Alzheimer (há um belo momento com Montenegro nesse final, um flash de um despertar da velha Eunice quando o noticiário da televisão menciona Rubens).

Coincidência infeliz para uma mulher que tanto lutou pela memória, mas perfeitamente apropriada num filme como este – porque o combate de Ainda Estou Aqui é contra o Alzheimer político.

**Evandro Júnior**  
 evandrojr@mirante.com.br

# TAPETE VERMELHO

[@evandrojr](https://twitter.com/evandrojr)  
[@evandrojr](https://www.instagram.com/evandrojr)

Fotos/Divulgação



Fernanda Sarney, Haroldo Ribeiro e Rafaela Sarney



Mirella Castelo Branco e o deputado estadual Wellington do Curso



Mário Júnior, Lissio Fiod, Pará Figueiredo e Igor Marques



Gabriela Murad



Sérgio e Bruna Bogéa



Caio Mendes, Camila Brasil, Levi Figueiredo e Thayara Figueiredo



Débora Carlos, Yvila Coêlho e Thayara Figueiredo

**N**ovo point musical na Ilha do Amor, o Casarão Beira Dumar, de propriedade do empresário e produtor cultural Ricardo Fernandes Pororoca, virou ponto de encontro da turma de bem com a vida. É uma ala vitaminada que não dispensa um happy hour para encontrar os amigos aos fins de semana, desfrutando das benesses de um aprazível e estruturado espaço. Afinal, o Dumar flerta com a Baía de São Marcos e suas luzes cintilantes desmaiam sobre as águas do Rio Anil. É uma vista esplendorosa para um cenário que dispensa comentários. A casa recebe as melhores bandas

e artistas, entre locais e nacionais, que dão o tom das noites com uma proposta jovial e bastante agradável. O espaço tem um layout diferente de tudo o que já foi pensado na cidade e a cereja do bolo é justamente essa combinação de elementos (com destaque para a programação semanal), que tem atraído como um ímã as atenções do público, incluindo-se figuras de charme da sociedade. É um endereço cercado de poesia, pois bem acima está o Largo dos Amores e do outro lado um mar de bandeja para que os olhares de felicidade possam se dividir entre dois lindos cartões-postais.



Raphael e Rosário Saldanha



Guilherme e Daniela Lobão



Felipe Lobão e Deborah Kayanne



Gustavo Adriano e Gustavo Burnet



Lucas Silva e Amanda



O jornalista Davi Araújo, da TV Mirante, com a filha Catarina



A nutricionista e jornalista Karine Baldez com a filha Giovanna



Emily Ferreira com os sobrinhos Thietro e Bella e os filhos Maria Clara e João Davi



Amanda Couto com a sobrinha Hannah e o filho Guilherme



Daniel, Osmar Neto e João Pedro

**F**ilhos de jornalistas e influenciadores vivenciaram um momento especial no parque temático Authentic Games, nova atração de férias do São Luís Shopping. Montado na praça de eventos, o parque permanece no mall até o fim de janeiro e é voltado para o público de 2 a 14 anos. A atração, inspirada no jogo, conta com piscina de bolinhas, circuito de obstáculos e jogos eletrônicos.



# MARIA CALLAS EM SEUS ÚLTIMOS DIAS

O diretor chileno Pablo Larraín está de volta com mais uma biografia de ícones femininos. Após retratar Jacqueline Kennedy em Jackie (2016) e a princesa Diana em Spencer (2021), chegou a vez da lendária cantora de ópera Maria Callas.

Esta trilogia explora momentos cruciais na vida dessas mulheres. Jacqueline Kennedy enfrentou a morte do presidente John F. Kennedy, enquanto Diana lidou com seu divórcio do Príncipe Charles. Já Maria Callas reflete os ecos de uma grande cantora em seus últimos dias, quando já não pisava nos palcos.

Com Angelina Jolie totalmente entregue ao papel da cantora grega, o filme, que desde quinta-feira está em cartaz nos cinemas de São Luís, começa pelo fim: o momento em que seus empregados encontram seu corpo na sala de estar. A partir daí, somos transportados para os dias que antecederam sua morte, explorando o cotidiano de Maria enquanto ela tenta retomar a carreira e enfrenta os fantasmas que a impedem de voltar a cantar.

O roteiro, assinado por Steven Knight, busca desmistificar e revelar o mundo particular de Maria Callas em seus momentos finais. Apesar de sua elegância e status, vemos como a cantora lidava com um cenário bem diferente do que viveu em seu auge.

O filme retrata o período no qual Maria Callas se refugia em Paris nos anos 1970, focando em seus últimos dias de vida enquanto revisita suas memórias, traumas, amigos, amores e voz.

O longa retrata esse período da diva, após uma vida pública marcada pelo glamour e pela turbulência. E revisita os últimos dias da lendária artista, destacando o momento em que ela reflete sobre sua trajetória e identidade na Paris dos anos 1970.

Depois de se dedicar ao público e à sua arte, Maria Callas decide encontrar consigo mesma e encontrar sua própria voz e identidade. Esse é um retrato e uma investigação

psicológica de uma mulher que teve o mundo aos seus pés, marcada pelos holofotes da fama.

Ambientado em 1977, o filme apresenta Maria Callas ensaiando para um possível retorno aos palcos, tomando medicamentos em excesso e concedendo entrevistas para um documentário autobiográfico.

Porém, cada faceta de seu cotidiano revela camadas que a afastam da realidade. Sua governanta, Bruna, aprendida em ópera graças à própria Maria, exerce um papel tão influente quanto o maestro Jeffrey Tate, que a ensaia para o retorno. Enquanto isso, seu mordomo Ferruccio tenta, a todo custo, cuidar dela: chama médicos, controla os remédios e a acompanha por onde quer que vá.

Ferruccio enfrenta o desafio de lidar não apenas com a grandeza de Callas, mas também com os resquícios de seus momentos mais icônicos, que agora a assombram.

Enquanto público, somos apresentados a apresentações grandiosas do passado de Callas. Paralelamente, ela é entrevistada pelo jornalista Mandrax (Kodi Smit-McPhee), uma figura que aos poucos descobrimos ser imaginária – uma alegoria para suas memórias, reforçada pela diferença na fotografia quando ele entra em cena.

Maria, sempre ativa,

gostava de ser admirada. Reservava, por exemplo, áreas externas de restaurantes para ser vista. Contudo, isso não a impedia de receber críticas. Em um momento marcante, um fã a acusa de ter faltado a uma apresentação em Nova York. Ferruccio, como sempre, intervém para resolver a situação.

Conforme mergulhamos nas lembranças de Maria Callas, a figura de Aristóteles Onassis ganha destaque. O filme retrata o início do relacionamento dos dois, com Onassis abordando abertamente Maria, mesmo diante de seu então marido, Giovanni Battista Meneghini. Em um cruzeiro, Onassis tenta conquistá-la, e Maria, com sua perspicácia e língua afiada, o desafia.

O filme aborda também a relação de Onassis com Jacqueline Kennedy, com quem ele se casou em 1968. Há uma cena especialmente poderosa em que Maria, grávida de Onassis, relembra o trauma da perda de seu filho. Outra cena revela um encontro com John F. Kennedy, que a convida para cantar na Casa Branca. Ela, em resposta, questiona se ele sabe onde sua esposa passava as madrugadas no iate de Onassis.

Nos últimos dias de Onassis, Maria o visita em segredo no hospital. Em uma despedida amarga, ela é humilhada pela chegada de Jacqueline, a

“esposa legítima”, reforçando as mágoas que marcaram sua vida.

Pablo Larraín constrói uma narrativa que desconstrói a figura pública de Maria Callas, mostrando sua busca por liberdade nos últimos dias. Suas memórias remontam aos primeiros dias como cantora, na Grécia devastada pela guerra, onde já enfrentava desafios e pressões.

Com o diagnóstico final de seu médico – de que seu fígado e seu coração estavam falhando –, Maria se vê diante da iminência da morte. O filme culmina em uma cena emocionante, com Maria cantando pela última vez, em um momento de pura entrega e beleza.

Com uma narrativa não linear e fragmentada, Maria Callas pode parecer confuso inicialmente, como um quebra-cabeça cujas peças não se encaixam. No entanto, à medida que as histórias se desenrolam, cada lembrança e diálogo faz sentido, revelando os momentos marcantes da vida da cantora.

Musicalmente, o filme é impressionante. As apresentações são de tirar o fôlego, e embora vejamos Angelina Jolie em cena, é a verdadeira voz de Maria Callas que ouvimos. Jolie, que ensaiou ópera por sete meses, entrega uma atuação impecável, capturando a essência da personagem.

Virando fã da grandeza da cantora, é fato que gostaria de ver outras produções mostrando seu auge. Os embates com figuras emblemáticas e seu amor por Onassis dão pano para muitas outras produções sobre ela. Ao mesmo tempo, acredito que será muito difícil alguém alcançar a mesma entrega que Angelina Jolie conseguiu nesta obra.

De qualquer maneira, com uma vida de tamanha grandeza, Maria Callas é uma figura que precisava ser apresentada às novas gerações. E eu sou uma dessas gerações que sai grato do cinema por conhecer, ao menos, um pouco de sua real grandiosidade.

## A última ária em Paris

Trabalho de composição de Angelina Jolie, sobre a pose, sobre a dicção, sim, mas também ironia e jeju e distância. E uma construção tumular de Paris, onde Maria Callas morreu em 1977.

Chegados aqui, e embora não sendo certo que Pablo Larraín tenha dado por finda a captura das suas borboletas exóticas, Maria é o momento mais gratificante de uma “trilogia” – arriscamos fechar a coisa assim... – em que o cineasta chileno se aproximou do biopic de celebridades para fazer outra coisa, contar um conto, uma fábula, compondo então uma coleção com a qual também acelerou a sua internacionalização.

Se o terceiro filme é o melhor, para isso pode ter contribuído o amor pela ópera, “desde criança”, de Larraín e por sua vez isso teve a seguinte consequência: depois de Jackie Onassis (1929-1994), interpretada por Natalie Portman (Jackie, 2017), e de Diana, princesa de Gales (1961-1997), papel que coube a Kirsten Stewart (Spencer, 2021), a Maria Callas “de” Angelina Jolie, sobre a última semana da vida da diva (1923-1977) retirada no seu apartamento de Paris, é, finalmente, uma relação entre iguais entre o diretor e aquela que desta vez é a sua atriz.

Isto porque no caso de Portman e de Stewart, que notoriamente estavam em dificuldades naqueles filmes, as duas foram tanto presas de Larraín quanto as personagens que interpretavam. Por isso os filmes libertavam um odor de crueldade, de patifaria, quando não mesmo de misoginia.

Já Jolie apresenta-se como protagonista de um gesto de autonomia e de libertação. Com essa afirmação criativa, Larraín também se redime, por momentâneo que isso possa acontecer na sua obra, de um proverbial instinto de cineasta-predador.

Começando então pela libertação: havendo sinais de trabalho de composição em Jolie, no visual, na pose, na dicção, na emulação daquela espécie de patine de aridez profissional com que Callas parecia cobrir as saliências ou rugosidades no seu discurso mas que decididamente não as escondia – e terão sido sete meses de preparação da personagem com Larraín –, há, por outro lado, sempre a intervenção do jeju, da distância, o que, para além de uma certa ironia (mesmo que trágica), retrata uma atriz em controle e não refém da sua personagem. Que por sua vez é alguém que no final de vida, isto segundo o argumento de Steven Knight, tomou conta do seu destino, convocou os seus fantasmas, falou com os seus comprimidos e cantou a sua última ária. Mesmo já sem a voz que prometera o céu aos ouvintes de Casta Diva. É um belo paralelo, este, entre a consciência que a personagem tem do fim e a inteligência da atriz ao jogar no equilíbrio, no fio. Mas é esse o jogo do filme afinal, a sua costela pós-moderna, entre a distanciamento e a entrega.

É a diva na sua última semana de vida, no seu apartamento em Paris, obcecada pelo seu passado, por Aristóteles Onassis ou pelas notas que atingiu com Casta Diva, perdida que foi a voz, protegida pela fidelidade do seu mordomo (Pierfrancesco Favino) e da sua criada para todo o serviço (Alba Rohrwacher), casal que por sinal ainda pertence ao mundo dos vivos. E acompanhada, claro, pelos seus comprimidos. Que se apresentam tão reais como todos os outros fantasmas.

E talvez seja por isso, por Larraín, fã de ópera “desde criança” e que aplaudiu ao lado deste Repórter PH, em Santiago, a exuberante montagem da ópera Madame Butterfly, de Giacomo Puccini, libertar a criatura em vez de a aprisionar que, ao contrário de Natalie Portman (Jackie) e de Kirsten Stewart (Spencer), atrizes visivelmente intimidadas e atarantadas por personagens em relação às quais o diretor não dava sinais de qualquer sentimento, a não ser um toque da sua misoginia, talvez seja por isso então que Angelina é dona do exercício, no mesmo nível do diretor, jogando de igual para igual numa emocionada peça de câmara belissimamente composta, escrita, por Steven Knight sobre um final de vida que se diz trágico – mas que também foi o momento em que alguém tomou finalmente conta do seu destino. Com a sua voz já quebrada, Maria cantou enfim para si própria.

É uma surpresa, Maria, também pela lenta e delicada absorção de um espaço: o apartamento de Callas.



Maria Callas com mordomo Ferruccio e a governanta Bruna em um dos poucos momentos mais intimistas